O BARCO BÊBADO

Jean-Arthur Rimbaud

TEXTO BILINGUE



Ilustrações Augusto T. Dias

HIENA EDITORA

O BARCO BÊBADO

Jean-Arthur Rimbaud

Tradução Pedro José Leal



Ilustrações Augusto T. Dias



Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Título original
LE BATEAU IVRE

Autor
JEAN-ARTHUR RIMBAUD

Título em português
O BARCO BÊBADO

Tradução de
PEDRO JOSÉ LEAL

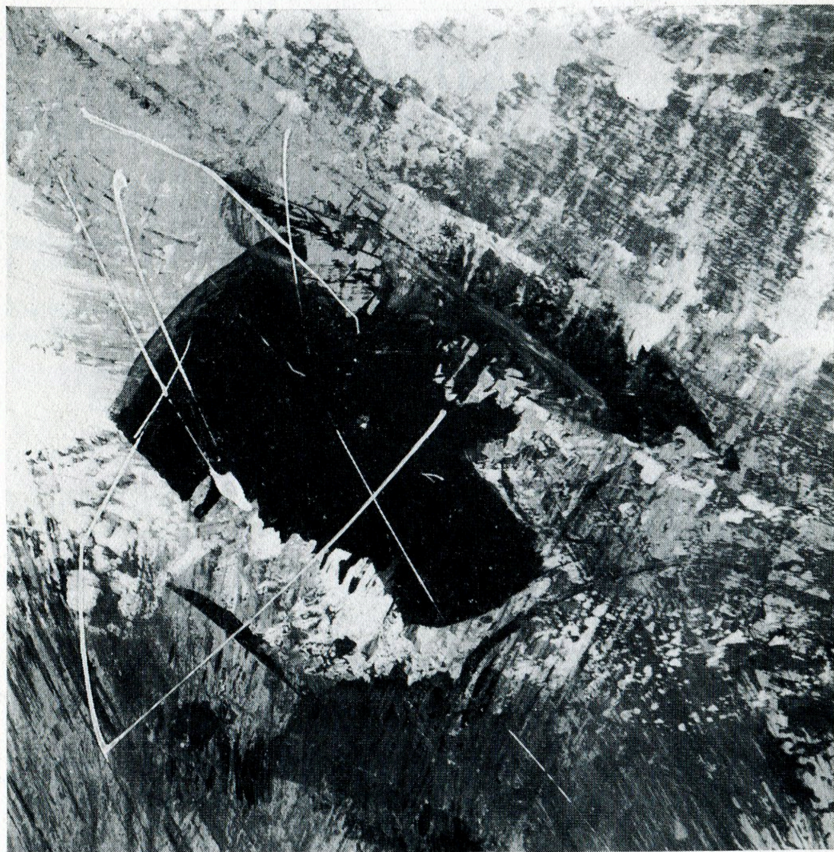
Ilustrações e plano gráfico
AUGUSTO T. DIAS

Tiragem 1000 exemplares
Lisboa, Outubro 1985

Ilustrações retiradas de uma série de 18 quadros sob o tema *AMARGA NOITE LÍQUIDA* de AUGUSTO T. DIAS. Acrílico sobre cartão. 50 cm x 50 cm.

O BARCO BÊBADO

LE BATEAU IVRE



Como eu já descesse Rios impassíveis,
Não mais fui guiado pelos sirgadores;
Índios a gritar matavam-nos, visíveis
E amarrados, nus, a postes de cores.

Eram-me indiferentes quaisquer equipagens,
Se trigo eu levava ou algodão inglês.
Com elas se foram os clamores selvagens
Deixaram-me os Rios descê-los de vez.

Comme je descendais des Fleuves impassibles,
Je ne me sentis plus guidé par les haleurs :
Des Peaux-Rouges criards les avaient pris pour cibles,
Les ayant cloués nus aux poteaux de couleurs.

J'étais insoucieux de tous les équipages,
Porteur de blés flamands ou de cotons anglais.
Quand avec mes haleurs ont fini ces tapages,
Les Fleuves m'ont laissé descendre où je voulais.

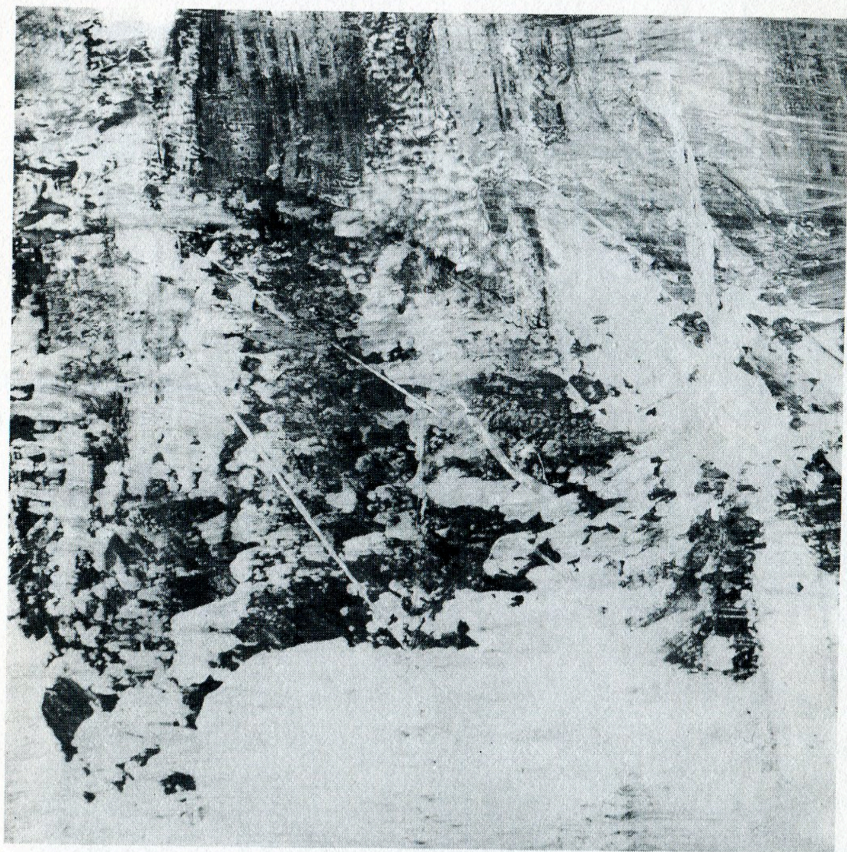


No marulho em fúria daquela maré,
Mais duro de ouvido que meninos maus,
Corri! E penínsulas soltas vogaram até
Não sofrerem mais que triunfantes caos.

O furacão benzeu minhas alvas marítimas.
Mais leve do que rolha dancei entre águas
Que levam com elas, dizem, para sempre as vítimas,
Dez noites, sem que um olhar chore o farol das mágoas!

Dans les clapotements furieux des marées,
Moi, l'autre hiver, plus sourd que les cerveaux d'enfants,
Je courus! Et les Péninsules démarrées
N'ont pas subi tohu-bohus plus triomphants.

La tempête a béni mes éveils maritimes.
Plus léger qu'un bouchon j'ai dansé sur les flots
Qu'on appelle rouleurs éternels de victimes,
Dix nuits, sans regretter l'œil niais des falots!



Mais doce que à criança as ácidas maçãs,
De água verde se inundava o meu casco de pinho
E nódoas de vinho azuis e vomições malsãs
Me lavou levando, âncora e leme, de caminho.

E desde logo fui banhado dentro deste Poema
De Mar infuso em estrelas, e tão latescente,
Devorador da imensa lazulita verde; onde, suprema,
Flutua uma afogada forma, às vezes descendente.

Plus douce qu'aux enfants la chair des pommes sûres,
L'eau verte pénétra ma coque de sapin
Et des taches de vins bleus et des vomissures
Me lava, dispersant gouvernail et grappin.

Et dès lors, je me suis baigné dans le Poème
De la Mer, infusé d'astres, et lactescent,
Dévorant les azurs verts; où, flottaison blême
Et ravie, un noyé pensif parfois descend;

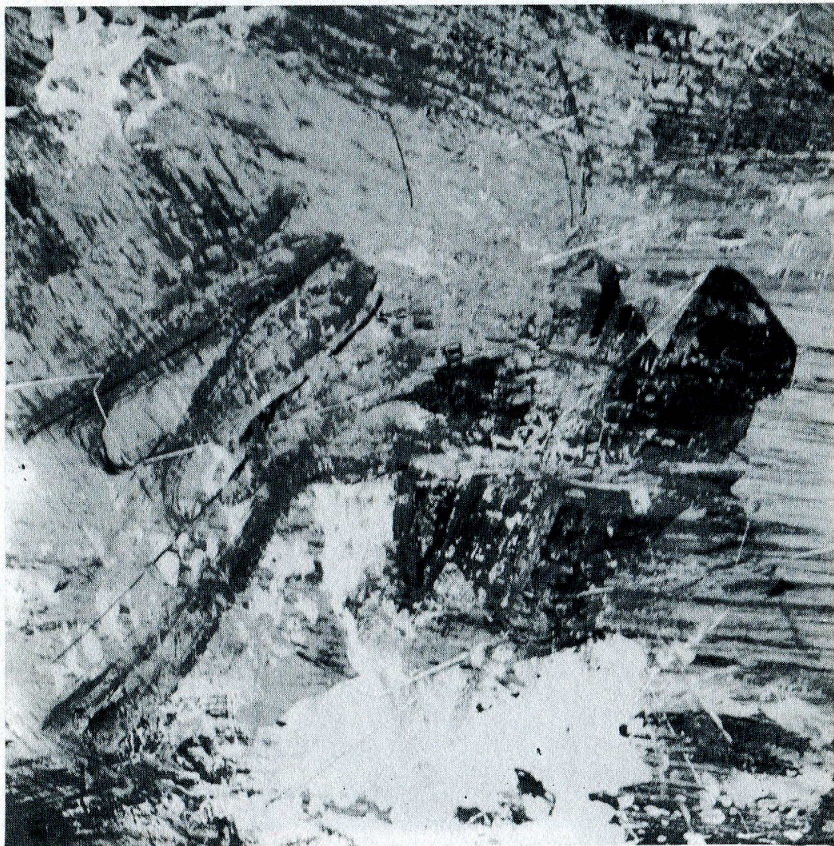


Onde, a tingir azuis de súbito, delírios
E ritmos lentos à rutilação de alvores,
Mais fortes do que álcool, do que as nossas liras,
Fermenta o ruivo amargo de todos os amores!

Eu vi céus explosivos de relâmpagos, as trombas,
Ressacas e correntes; o entardecer,
E a Aurora alvoroçada em povo de pombas.
Dei-me a ver por vezes o que um homem julga ver!

Où, teignant tout à coup les bleuités, délires
Et rhythmes lents sous les rutilements du jour,
Plus fortes que l'alcool, plus vastes que nos lyres,
Fermentent les rousseurs amères de l'amour!

Je sais les cieux crevant en éclairs, et les trombes
Et les ressacs et les courants : je sais le soir,
L'Aube exaltée ainsi qu'un peuple de colombes,
Et j'ai vu quelquefois ce que l'homme a cru voir!

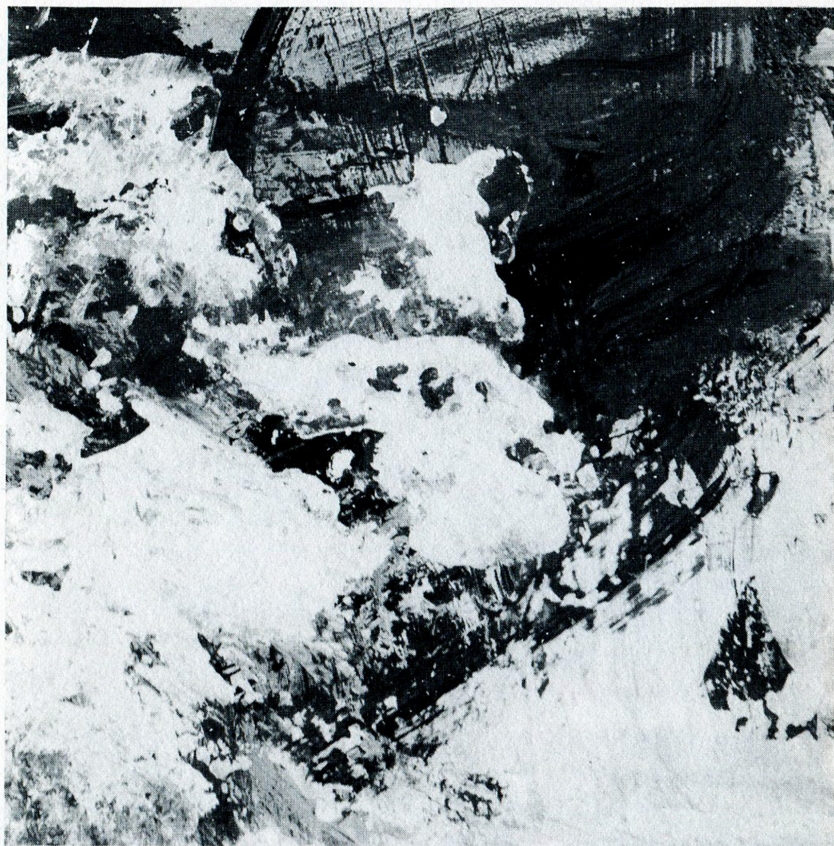


Vi o sol baixo, manchado de místicos horrores,
A iluminar de roxo enormes filamentos.
Parecidas, nos dramas antigos ao jogo dos actores,
Vagas que rolam, acolá, nos seus estremecimentos.

Desejei a noite verde com neves deslumbradas,
Beijo que subia aos olhos deste mar, dolente,
A circulação das seivas de todo inesperadas,
O fósforo cantor, de amarelo e azul nascente.

J'ai vu le soleil bas, taché d'horreurs mystiques,
Illuminant de longs figements violets,
Pareils à des acteurs de drames très antiques
Les flots roulant au loin leurs frissons de volets!

J'ai rêvé la nuit verte aux neiges éblouies,
Baiser montant aux yeux des mers avec lenteurs,
La circulation des sèves inouïes,
Et l'éveil jaune et bleu des phosphores chanteurs!

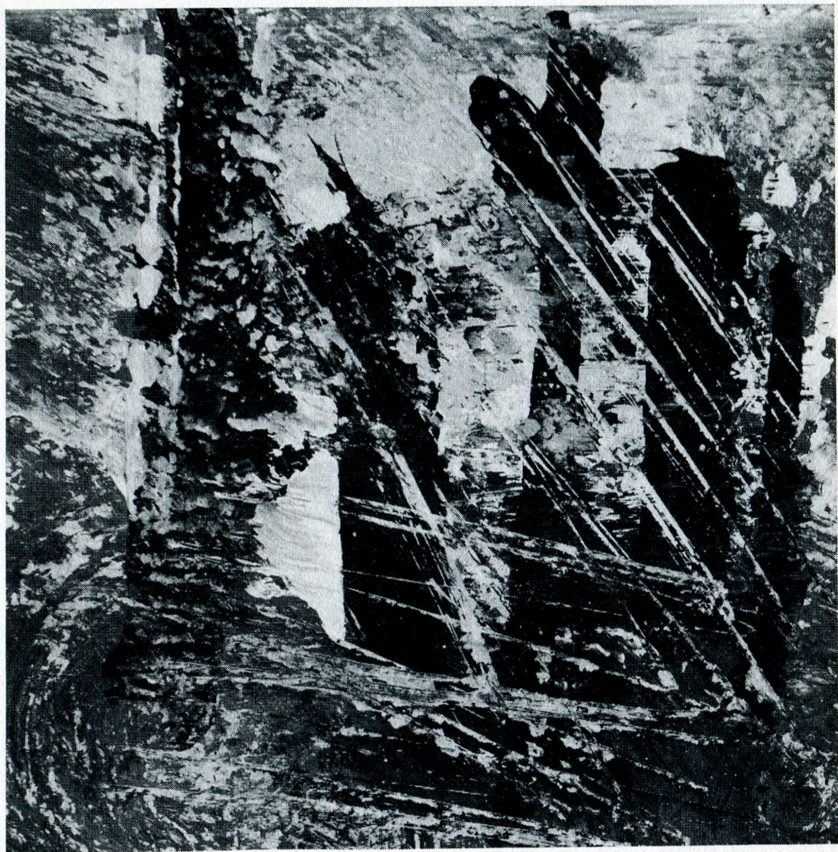


Meses e meses segui, velhacaria
Histérica, a onda que assalta recifes solares,
Sem antever os pés luzentes de Maria
Que dobram a cerviz a ofegantes mares!

Sabei que bati por inauditas Floridas
Onde há peles de homem e panteras de olhar estranho
Entre as flores! Tensos arco-íris atirados como bridas
Ao além dos mares, e um gláucio rebanho!

J'ai suivi, des mois pleins, pareille aux vacheries
Hystériques, la houle à l'assaut des récifs,
Sans songer que les pieds lumineux des Maries
Pussent forcer le mufle aux Océans poussifs!

J'ai heurté, savez-vous, d'incroyables Florides
Mêlant aux fleurs des yeux de panthères à peaux
D'hommes! Des arcs-en-ciel tendus comme des brides
Sous l'horizon des mers, à de glauques troupeaux!

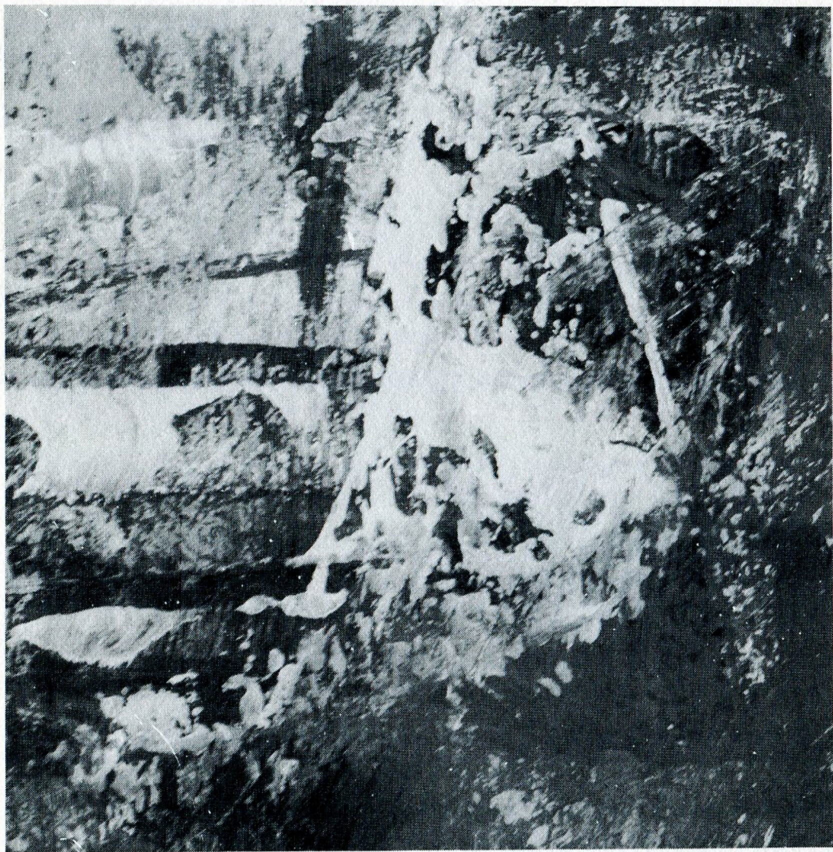


Vi fermentarem desmedidos pântanos, armadilhas
Onde um Leviatã apodrece no meio dos juncais!
Um desabar de água entre calmarias,
Lonjuras em cascata por abismos fatais!

Glaciares, sóis de prata, ondas de nácar, céus de brasa!
Feios naufrágios em golfos de negrume
Onde as serpentes, que o percevejo arrasa,
De árvores retorcidas caem, com negro perfume!

J'ai vu fermenter les marais énormes, nasses
Où pourrit dans les joncs tout un Léviathan!
Des écroulements d'eaux au milieu des bonaces,
Et les lointains vers les gouffres cataractant!

Glaciers, soleils d'argent, flots nacreux, cieux de braises!
Échouages hideux au fond des golfes bruns
Où les serpents géants dévorés des punaises
Choient, des arbres tordus, avec de noirs parfums!

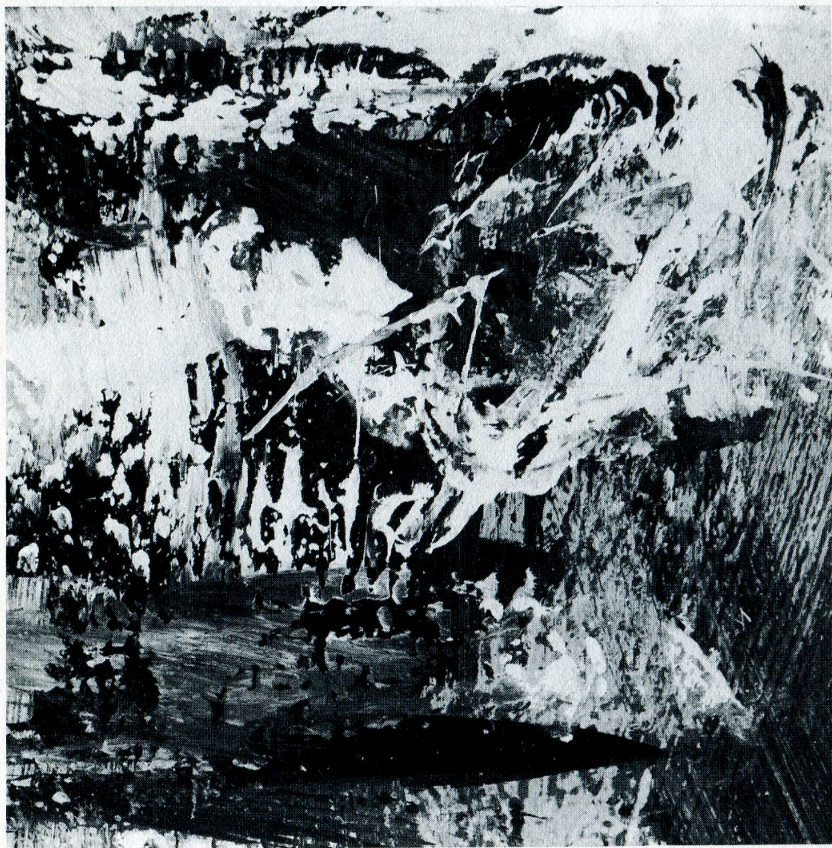


Quem me dera se às crianças mostrasse eu douradas
Da onda azul, peixes de ouro e essoutros cantantes.
— Espumas de flor me embalaram as largadas,
Inefáveis ventos deram-me asas por instantes.

Por vezes mártir, exausto de pólos e procelas,
Amaciando o soluço ao andar da minha nave
Flores de sombra me trazia o mar, com ventosas amarelas
E eu mulher feito ficava, ajoelhada e grave...

J'aurais voulu montrer aux enfants ces dorades
Du flot bleu, ces poissons d'or, ces poissons chantants.
— Des écumes de fleurs ont bercé mes dérades
Et d'ineffables vents m'ont ailé par instants.

Parfois, martyr lassé des pôles et des zones,
La mer dont le sanglot faisait mon roulis doux
Montait vers moi ses fleurs d'ombre aux ventouses jaunes
Et je restais, ainsi qu'une femme à genoux...



Península, que a meu bordo baloiçava discussões,
Excrementos de aves belicosas e muito louro olhar,
Eu vogava e os cadáveres, entre minhas ilusões
Desciam lassos para dormir, a recuar...

E assim, barco perdido entre cabelos de angras,
Que o tufão jogava inteiro a um céu de mágoas,
Eu, a quem os Monitores e os veleiros de Hansas
Jamais pescariam, carcaça podre embriagada de águas;

Presque île, ballottant sur mes bords les querelles
Et les fientes d'oiseaux clabaudeurs aux yeux blonds.
Et je voguais, lorsqu'à travers mes liens frêles
Des noyés descendaient dormir, à reculons!

Or moi, bateau perdu sous les cheveux des anses,
Jeté par l'ouragan dans l'éther sans oiseau,
Moi dont les Monitors et les voiliers des Hanses
N'auraient pas repêché la carcasse ivre d'eau;



Livre e fumante, afagado em brumas violetas,
Eu, que o céu rasgava enrubescido como um muro
Que tivesse, mistela ideal para bons poetas,
Líquenes de sol e um ranho de azul puro;

Que voava, manchado de lúnulas acesas,
Tábua louca, escoltada a hipocampos cor de lama,
Quando julhos sumiam a pancadas tesas
Céus ultramarinos por crateras em chama.

Libre, fumant, monté de brumes violettes,
Moi qui trouais le ciel rougeoyant comme un mur
Qui porte, confiture exquise aux bons poètes,
Des lichens de soleil et des morves d'azur;

Qui courais, taché de lunules électriques,
Planche folle, escorté des hippocampes noirs,
Quand les juillets faisaient crouler à coups de triques
Les cieux ultramarins aux ardents entonnoirs;

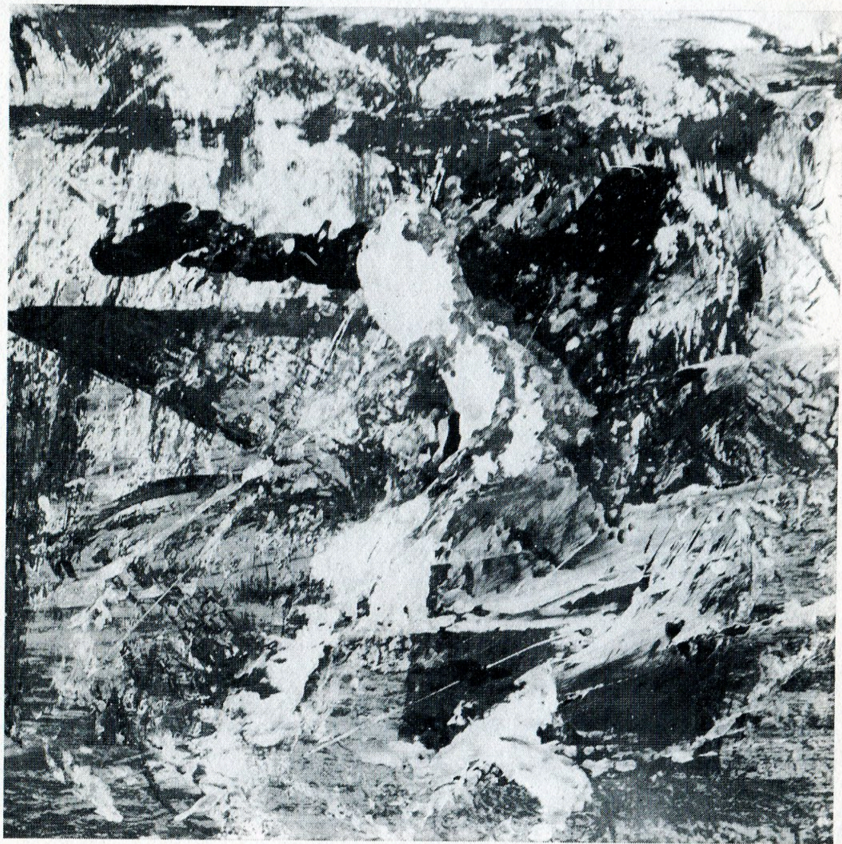


Que assustado ouvi gemer, a cinquenta léguas,
O cio dos Beemotes, Maelstroms em batalha,
Um azul imóvel teço eu, sem pedir tréguas,
Chorando aquela Europa de antiga muralha!

Que arquipélagos siderais eu vi! Ilhas
Com céus em delírio abertos ao viajador;
— Nestas noites sem fundo é que a dormir te exilas,
Milhão de aves de ouro, futuro Vigor?

Moi qui tremblais, sentant geindre à cinquante lieues
Le rut des Béhémots et les Maelstroms épais,
Fileur éternel des immobilités bleues,
Je regrette l'Europe aux anciens parapets!

J'ai vu des archipels sidéraux! et des îles
Dont les cieux délirants sont ouverts au vogueur :
— Est-ce en ces nuits sans fonds que tu dors et t'exiles,
Million d'oiseaux d'or, ô future Vigueur?



Na verdade o que chorei! E a aurora tão azeda,
E que atroz a lua, e todo o sol que amargo;
O acre amor encheu-me de um sono que embebeda.
Que a minha quilha estoire! Que eu soçobre no mar largo!

Água de Europa eu deseje, e será charco
Escuro e frio onde, em crepuscular desmaio,
Um agachado e tristíssimo menino um barco
Lance, efémero como a borboleta em Maio.

Mais, vrai, j'ai trop pleuré! Les Aubes sont navrantes.
Toute lune est atroce et tout soleil amer :
L'âcre amour m'a gonflé de torpeurs enivrantes.
O que ma quille éclate! O que j'aille à la mer!

Si je désire une eau d'Europe, c'est la flache
Noire et froide où vers le crépuscule embaumé
Un enfant accroupi plein de tristesses, lâche
Un bateau frêle comme un papillon de mai.



Já não posso, onda, molhado por tuas canseiras,
Raptar a esteira ao condutor de algodões,
Nem trespassar orgulhos de chama e de bandeiras,
Ou ir nadando à vista tenebrosa dos pontões.

Je ne puis plus, baigné de vos langueurs, ô lames,
Enlever leur sillage aux porteurs de cotons,
Ni traverser l'orgueil des drapeaux et des flammes,
Ni nager sous les yeux horribles des pontons.

COLECÇÃO

Águas, Luas Doidas